

## OS PERIGOS DA SEDUÇÃO: MACHADO DE ASSIS E A MORALIDADE OITOCENTISTA

Alexandra Santos Pinheiro (UFGD)

Durante o século XIX, grande número de livreiros estrangeiros transferiu-se para o Brasil na intenção de fazer fortuna com o comércio de livros. Entre esses livreiros estava o francês Batispta Louis Garnier, cuja livraria-editora foi responsável pela tradução de importantes obras e pela divulgação de autores da Literatura Brasileira. Além de livros, a editora editou dois periódicos, a *Revista Popular* (1859-1862) e o *Jornal das Famílias* (1863-1878), de onde extraímos o corpus do presente trabalho. O segundo empreendimento da editora era mensal, tinha em torno de 32 páginas fartamente ilustradas e algumas imagens coloridas. Como era editado em Paris, indicava dois endereços para correspondência: rua do Ouvidor, 65, livraria de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, e rua de l'Abbaye, 14, em Paris. A assinatura anual custava 10\$000 para o Rio de Janeiro e Niterói e 12\$000 para as províncias. Vale lembrar que o periódico circulava pelo Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Rio grande do Sul, Pernambuco, Sergipe, dentre outros estados) e pela Europa (França e Portugal).

Machado de Assis assinou vários contratos com a casa Garnier e por algum tempo foi escritor exclusivo da editora. O primeiro contrato entre Machado de Assis e a Editora Garnier data de 1865, ano em que publica, no *Jornal das Famílias*, "Confissões de uma viúva moça". Na ocasião, o autor vendeu ao editor a "propriedade plena e inteira não só da primeira edição como de todas as seguintes das suas obras: *Contos Fluminenses* e *Phalenas*". Ambas as obras tinham uma primeira edição de mil exemplares e ao autor foram destinados duzentos réis (\$200) por cada exemplar impresso, que seria vendido pela editora no valor de 1\$500. Em 1896, Machado de Assis recebe de H. Garnier 250\$000 mil réis por 1.100 exemplares de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quase o mesmo valor recebido de B. L. Garnier no contrato de 1865. A citação abaixo,

apesar de um pouco extensa, permite observar as vantagens obtidas por quem conseguia publicar com o selo da B. L. Garnier:

Garnier foi ainda o primeiro editor brasileiro a pagar direitos autorais. Seus tradutores recebiam cerca de 10% do preço de capa, o que explica o excelente nível das traduções e o importante elenco de escritores que se dedicavam a esta tarefa.

Os autores também eram muito bem remunerados, quando se consideram os padrões da época, mesmo no plano internacional. Os contratos firmados com José de Alencar, a partir de agosto de 1863, garantiam ao escritor cearense cerca de 10% do preço de capa, pagos antecipadamente, uma prática insólita para a época. A princípio, ajustaram a 2ª e a 3ª edições de *O Guarani*, pelas quais o editor pagou 750\$000. Um mês depois, assinaram contrato para reeditar várias obras esgotadas de Alencar (...). A remuneração cresce à medida que aumenta o prestígio de Alencar e o sucesso de venda de seus livros. Uma nova edição de *Diva*, cujo contrato foi firmado em maio de 1870, ficou em 800\$000. (...) MACHADO, 2001, p. 81-82).

Machado de Assis demonstrava reconhecer a importância do editor para as Letras brasileiras, tanto que, por ocasião da morte de Garnier, em outubro de 1893, declarou:

Garnier é das figuras derradeiras. Não aparecia muito; durante os 20 anos das nossas relações, conheci-o sempre no mesmo lugar, ao fundo da livraria, que a princípio era em outra casa, n. 69, abaixo da Rua Nova. (...). Aí vivia sempre, pena na mão, diante de um grande livro, notas soltas, cartas que assinava ou lia (ASSIS, 1938, p. 402).

Mesmo antes da morte do editor, Machado de Assis já tecia comentários sobre o trabalho do francês. Na resenha que fez da obra *Meandro poético*, do cônego Fernandes Pinheiro, destacou: “A impressão, feita em Paris, é o que são as últimas impressões da casa de Garnier: excelente. Numa terra em que não há editores é preciso animar os que se propõem, como o Sr. Garnier, a facilitar a publicação de obras” (Assis, 1944, p. 148-9). Já em uma crônica publicada no *Jornal do Commercio*, o autor ressaltou a disciplina do amigo:

Durante meio século, Garnier não fez outra coisa senão estar ali naquele mesmo lugar, trabalhando. Já enfermo desde alguns anos, com a morte no peito, descia todos os dias de Sta Teresa para a loja, de onde regressava antes de cair a noite. Uma tarde, ao encontrá-lo na rua, quando se recolhia, andando vagaroso, com os seus pés direitos, metido em um sobretudo, perguntei-lhe por que não descansava algum tempo. Respondeu-me com outra pergunta: “Pourriez-vous résister, si vous étiez forcé de ne plus faire ce que vous auriez fait pendant cinquante ans?”. Na véspera de sua morte, se estou bem informado, achando-se a pé, ainda planejou descer na manhã seguinte para dar uma vista de olhos na livraria (ASSIS, outubro de 1893).

No *Jornal das Famílias*, o autor ganhou o destaque que já tinha em 1860 na revista *Marmota*, que em seu primeiro número avisa o leitor: “Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que o Sr. Machado de Assis faz hoje parte da colaboração da *Marmota*” (21 de fevereiro de 1860). No decorrer dos dezesseis anos de circulação do *Jornal* de Garnier, a maior parte das narrativas publicadas na seção “Romances e Novellas” é de autoria de Machado de Assis.

Ele valorizava o destaque dado a ele pelo periódico, tanto que o divulgava em outros jornais. Em 1865, Machado de Assis faz, no *Jornal do Commercio*, uma propaganda do *Jornal das Famílias*. Nela, o escritor exalta as qualidades do periódico de Garnier e o talento profissional do próprio editor: “O *Jornal das Famílias* é uma das primeiras publicações desse gênero que temos tido; o círculo de seus leitores vai se alargando cada vez mais, graças à inteligente direção do Sr. Garnier” (*Jornal do Commercio*, 1865). Desse artigo, extraímos o fragmento em que ele recomenda o periódico às senhoras:

Não deixarei de recomendar aos leitores fluminenses a publicação mensal da mesma casa, o *Jornal das Famílias*, verdadeiro jornal para senhoras, pela escolha do gênero de escritos originais que publica e pelas novidades de modas, músicas, desenhos, bordados, esses mil nadas tão necessários ao reino do bom tom (*Jornal do Commercio*, 1865).

Por esta citação, podemos perceber como Machado de Assis definia o conteúdo que deveria ser publicado nos periódicos destinados à leitora, “mil nadas”, mas que eram imprescindíveis no “reino do bom tom”. O que o escritor não insere no rol do conteúdo destinado ao público feminino são as narrativas, um dos grandes atrativos dos jornais oitocentistas. Vale destacar, inclusive, que grande parte das narrativas que Machado de Assis publicou no *Jornal das Famílias* tem a marca do que ele considerava ser apropriado ao “reino do bom tom”: no diálogo que trava com suas leitoras, na descrição das personagens femininas e na descrição do ambiente freqüentado pela leitora, o autor delinea o perfil da mulher oitocentista e define a conduta moral destinada a ela.

De acordo com os Manuais de Retórica, dentre os critérios de avaliação utilizados para classificar a boa Literatura estava a questão da moral, tema recorrente entre os romancistas oitocentistas que seguiam os professores de retórica. Joaquim Manuel de Macedo faz uma síntese desses manuais em sua narrativa “Nina”, publicada entre fevereiro de 1870 a março de 1871 no *Jornal das Famílias*. No início do enredo, a irmã de Firminiano, uma jovem sonhadora e apaixonada por romances, pede que ele lhe escreva um romance, mas o jovem não se sente à vontade para fazer composições literárias. Mesmo assim, procura

pesquisar os procedimentos para uma boa narrativa, quando é advertido pelo amigo Felix de que há a necessidade “d`a metrificação das lições de moral”:

Enganas-te: é indispensavel a metrificação das lições moral e a consonancia dos sentimentos, metrificação e consonancia de imaginação com a realidade dos sentimentos, metrificação e consonancia da imaginação com a realidade, da forma com a materia, dos quadros que se inventão com as paixões que são n`elles expostas (...) (*Jornal das Famílias*, 1871).

A advertência de Félix representa uma síntese do padrão narrativo esperado para a época. O romance deveria ter ensinamento moral, trabalhar com sentimentos reais e combinar imaginação com realidade. Assim como a narrativa de Macedo, a maioria das produções publicadas por Machado de Assis no *Jornal das Famílias* obedece a tendência da época e parecem dialogar com uma leitora que precisa ser alertada sobre os perigos de transgredir as regras de boa conduta estipuladas para elas. Dentre as mais de cem narrativas publicadas pelo autor no *Jornal das Famílias*, selecionamos para análise “Confissões de uma viúva moça”, editada em forma de folhetim entre os meses de abril a junho de 1865. Optamos por analisar “Confissões de uma viúva moça” a partir da comparação com uma outra narrativa publicada no periódico: “Uma historieta de todos os dias”, 1864. O enredo dessa segunda narrativa sugere debates similares à produção de Machado de Assis: o casamento arranjado e a desonra de moças solteiras e senhoras casadas ao se entregarem a um relacionamento “imoral”.

Vale lembrar que grande parte das narrativas oitocentistas prestou-se a educar as leitoras para seguirem uma determinada conduta moral esperada delas. Essa era, inclusive, uma exigência para que a narrativa, de acordo com o valor estipulado pelos críticos do século XVIII e XIX, fosse considerada como Literatura de qualidade. De modo geral, os colaboradores do *Jornal das Famílias* procuravam obedecer a essa expectativa e escreviam suas narrativas a partir do que acreditam ser significativos para a instrução moral de suas leitoras.

O critério da moral também foi utilizado pelos críticos favoráveis à leitura de romance. Como esclarece o trabalho de Márcia Abreu (2003), a Literatura, em especial o gênero romanesco, não era benquista por um determinado grupo, que censurava esse tipo de leitura por considerá-la responsável pelo desvio da conduta moral de leitores e, principalmente, das leitoras de frágeis temperamentos. No Brasil, o padre Lopes da Gama esteve entre os que combateram a leitura de romances, como demonstra o fragmento a seguir:

Em que se há de entreter esta santinha a noite inteira? Oh, essa é boa! E para que se compuseram as *Mil e uma noites*, os *Mil e um quartos de hora*, as *Adelaides*, o *Menino da selva*, as *Joaninhas*, e tantas novelas, cuja nomenclatura talvez exceda às bibliotecas do Vaticano e do Escorial? Em ler esses bons mestres de moral, na aquisição dessas idéias eróticas entretém-se a menina (muito proveitosamente) até meia-noite, hora da ceia, e daí para a cama. Em que se ocupa esta senhora toda a sua vida? Em nada. Pois não sabe coser, nem bordar, nem remendar? Nada disto: nunca tais grosserias lhe ensinaram (GAMA, 1837).

Como podemos perceber, Padre Lopes da Gama não identifica nenhuma vantagem na leitura de romances, pelo contrário, ao invés de ser permitido às senhoras a leitura de obras que a afastam de uma conduta moral, deveria ser ensinado a elas os ofícios que parecem ser para ele próprios do sexo feminino: “coser, bordar, remendar”. Os críticos favoráveis à divulgação do romance também tomaram a questão da moral como ponto de referência. Lembraram que por ser de fácil leitura, esse tipo de Literatura poderia ensinar os princípios de conduta moral a um maior número de pessoas. É o que percebemos na apresentação que Dutra Mello fez, em 1855, do romance *Vicentina*, de Joaquim Manuel de Macedo:

O romance é d'origem moderna; veio substituir as novellas e as historias, que

tanto deleitavam a nossos paes. É uma leitura agradável, e diríamos quasi um

alimento de facil digestão proporcionado a estomagos fracos. Por seu intermédio póde-se moralisar e instruir o povo fazendo-lhe chegar a conhecimento de algumas verdades metaphysicas, que aliás escapariam á sua comprehensão. Si o theatro foi justamente chamado a escola dos costumes, o romance é a moral em acção: o romancista tem ainda mais poder do que o dramaturgo; este só falla a alguns centenares de pessoas, cujas posses e occupações lhes permitem de freqüentar os espectaculos, e aquelle dirige-se á numerosa classe dos que sabem lêr (Bibliographia – *Vicentina*, 1855, p. 17).

O que Dutra Mello sugere é que as narrativas, por oferecerem uma leitura de fácil decodificação, poderiam ser tomadas como meio de instruir moralmente os leitores. Nas duas narrativas que selecionamos para análise, identificamos o discurso pedagógico apontado pelo crítico. Ambas as narrativas apresentam uma situação em que as mulheres são seduzidas por homens descompromissados com a conduta moral esperada para elas e parecem ensinar as leitoras a não se deixarem levar por paixões inconseqüentes. Eis a síntese das duas narrativas.

“Confissões de uma viuva moça” é uma narrativa epistolar, narrada pela protagonista do enredo. Eugênia tinha uma vida tranqüila ao lado do marido, fruto de um acordo entre famílias. Ao conhecer Emílio, essa tranqüilidade fica comprometida, pois os sentimentos despertados pelo jovem sedutor fazem com que ela reflita sobre o sentido de seu matrimônio. Emílio torna-se amigo de seu marido e passa a freqüentar a casa e Eugênia com regularidade, até que, em

certa ocasião, quando se encontravam sozinhos, Emílio declara o seu amor, mas Eugenia pede que ele se retire. Dias depois, o marido de Eugenia avisa que Emílio encontra-se debilitado e deprimido. Preocupada com a saúde do amado, Eugenia aproveita um encontro social para também se declarar. Ela está prestes a fugir com ele, quando seu marido cai doente e morre repentinamente. Quatro meses depois da morte do marido, Eugenia propõe a Emílio que eles fiquem juntos, mas o jovem vai embora do Rio de Janeiro, deixando a ela apenas uma carta:

Menti, Eugenia; vou partir já. Menti ainda, eu não volto. Não volto. Não volto porque não posso. Uma união contigo seria para mim o ideal da felicidade se eu não fosse homem de hábitos opostos ao casamento. Adeos. Desculpa-me e reza para que eu faça boa viagem. Adeos. Emilio (*Jornal das Famílias*, 1865).

Eugenia decide passar dois anos em Petrópolis, longe dos encontros sociais para refletir sobre os sentimentos que quase comprometeram sua vida. Diferentemente da viúva moça, outras narrativas relatam experiências em que as jovens não têm o mesmo poder de discernimento e, vítimas de inocentes paixões, comprometem a sua honra e a da sua família. É o que se narra em “Historieta de todos os dias”, assinada pelo pseudônimo J.. Diferentemente dos comentários tecidos pela personagem de Machado de Assis e da racionalidade com que reflete sobre sua situação, a narrativa que resumiremos agora instrui a partir do exemplo concreto. A leitora do *Jornal das Famílias* é convidada a ver nas desgraças que cercam a protagonista do enredo, as conseqüências de se entregar as falsas promessas de amor.

Em uma pensão moravam uma senhora doente, sua filha de aproximadamente cinco anos e um homem atencioso, que posteriormente narrará a triste história de uma jovem seduzida. De acordo com sua narrativa, a jovem, sentindo que a morte se aproximava, narra ao senhor o seu relacionamento com um homem que a seduziu e, depois de engravidá-la,

desapareceu. Depois disso, a jovem viu sua mãe morrer vítima do desgosto de ter uma filha desonrada. Após a morte da mãe, também ela se entrega a uma profunda tristeza, que, aos poucos, vai lhe causando várias doenças. A presença da filha, ao invés de confortá-la, servia apenas para aumentar a sua dor.

Ao que ouviu o seu relato, ela pede que adote a sua filha para que ela possa morrer em paz: “Em presença da morte, o senhor, disse fitando-me os olhos cheios de lágrimas, aceita o legado que lhe deixo? Servirá de pai a orphazinha? - Aceito, Respondi”. O narrador não explica o que o levou a narrar essa história, mas percebemos, pela forma com que o encerra: “O martyrio a havia purificado, e a mesquinha tinha ido descansar no seio de Deus”, que ele, apesar de solidário ao sofrimento da jovem, reconhece que ela errou e que sua falha só foi perdoada devido o reconhecimento de seu crime e a redenção pela morte.

Como mencionamos, as duas narrativas apresentam um ponto que as aproximam, elas pretendem servir como modelos a serem seguidos, propósito explicitado nas cartas da viúva moça: “A lição há de servir-me, como a ti, como às nossas amigas inexperientes” (“Confissões de uma viúva moça”). Ambas tiveram em seus caminhos a presença de homens interessados em apenas seduzir inocentes senhoras e senhoritas para depois abandoná-las. Nesse ponto, as duas narrativas tomam rumos diferentes, já que uma das personagens tem tempo para refletir sobre as possíveis conseqüências de uma relação extraconjugal e a segunda, solteira, entrega-se completamente às promessas de seu sedutor.

O que observamos nessas narrativas (e em quase todas publicadas no *Jornal das Famílias*) é a tentativa de se aproximar do chamado romance moderno, discutido desde o fim do século XVIII, como destaca Márcia Abreu:

Uma narrativa centrada na vida real, próxima do leitor no tempo e no espaço, que trata de coisas que podem acontecer a qualquer um em sua vida cotidiana, escrita em linguagem comum, elaborada de forma a convencer o leitor de que a história relatada realmente aconteceu e de modo

a provocar reações de identificação, fazendo aquele que lê colocar-se no lugar do personagem e com ele sofrer ou se alegrar (ABREU, 2003, p. 292).

As chamadas “reações de identificação” podem ser identificadas na formação das duas personagens. Conforme relata à sua amiga, Eugênia, protagonista de “Confissões de uma viúva moça”, era uma leitora assídua de periódicos, tanto que escreve à maneira dos folhetins: “Às minhas cartas irão de oito em oito dias, de maneira que a narrativa pode fazer-te o efeito de folhetim de periódico semanal”; e também tinha na literatura francesa uma companheira nos momentos de infortúnio:

Tinha uma companheira no meu infortúnio: era aquella poética franceza, de que sempre gostei tanto, e que não me esqueci de introduzir na mala de viagem. Era a Desbordes Walmore. Lia e relia aquellas elegias tão repassadas de sentimento, tão simples de phrases, tão vivas de inspiração e de espontaneidade (*Jornal das Famílias*, 1865).

Diferentemente de Eugênia, a jovem seduzida da narrativa “Historieta de todos os dias” não é identificada por um nome, e a sua história é recontada por outro, que apenas a define como “uma pobre moça”, vítima de uma paixão impensada e da não obediência aos conselhos maternos. “Era feliz a vida que levava em companhia de minha pobre mãi, que bem soffreu ella as dores de sua filha... Era um anjo, e Deos levou-a depois de ter aqui padecido” (*Jornal das Famílias*, 1864). A harmonia de sua casa é interrompida pelo poder de sedução de um jovem rapaz, que lhe tira o poder de discernimento e a faz se entregar a uma paixão desenfreada:

Que lhe direi eu, senhor?... amei-o... E o seductor sabia tão bem fingir amor!... Tinha tanta expressão nos olhos, tanta

doçura na voz!... Amei-o por meu mal! Todas as noites vinha elle ter comnosco, e todas as noites eu o esperava anciosa. Quantas vezes ambos á janella, á luz pallida da lua, apertando as minhas mãos nas suas, fitando os seus olhos nos meus, me não dizia essas palavras de fogo que escaldão o sangue e penetrão o fundo no coração! E minha pobre mái rezava, encommendendo a Deos a filha. Oh! Que noites de delírio e de paixão!... Noites de febre e de amor! (*Jornal das Famílias*, 1864).

Não era em vão que a mãe da jovem rezava, como indica a narrativa, também ela havia sido vítima de um sedutor, pai da filha que iria cometer o mesmo erro. O casamento por conveniência familiar aparece como pretexto para que o rapaz fuja de sua responsabilidade. Quando descobre que a jovem está grávida, ele desaparece, deixando a ela apenas uma carta: “O infame dizia-me que, a instancias de sua família, tinha resolvido casar-se com uma outra mulher, e que me não veria mais”. O título justifica-se pelo círculo em que a história de sedução acontece. A mãe havia sido seduzida e abandonada, a filha toma o mesmo rumo.

Essa narrativa passou despercebida nas páginas do *Jornal das Famílias*, ao contrário da produção de Machado de Assis, cujo adultério não foi consumado. A publicação de “Confissões de uma viúva moça” recebeu várias críticas por parte dos que viam nela uma afronta aos princípios da moralidade familiar. O crítico que analisou “Confissões de uma viúva moça” manteve a perspectiva da moral como critério para sua análise. No dia 1 de abril de, uma crítica publicada no *Correio Mercantil*, sob pseudônimo de *Caturra*, sugeria que o *Jornal das Famílias* estava faltando com o compromisso de instruir moralmente as suas leitoras e apresentava aos pais de família os perigos da leitura da mencionada narrativa.

Machado de Assis saiu em defesa própria e publicou no *Diário do Rio de Janeiro*, sob o mesmo pseudônimo, “J.”, adotado para a publicação de “Confissões de uma viúva moça”, um texto afirmando que em sua narrativa “não [havia] uma só linha em que o vício [fosse] endeusado, ou ainda pintado com côres brilhantes”. As declarações de Machado foram rebatidas por *O Caturra*, que detalhou suas impressões acerca do caráter imoral da narrativa em questão, que, a seu ver, fora traçada pela mão de um “mestre na especialidade erótica”. No intuito de encerrar as críticas, Machado de Assis assume a autoria da narrativa e solicita que o crítico aguarde o desfecho de sua produção para tirar as conclusões, mas *O Caturra* não aceita a proposta e prossegue em suas críticas.

Provavelmente, muitas narrativas escapavam dessa crítica por apresentarem enredos que puniam as protagonistas cuja conduta não condizia com o determinado pela época. O narrador de “Historieta de todos os dias”, por exemplo, descreve a protagonista como uma jovem que, por inocência, levou a família à desonra. Mesmo tendo sido vítima de um sedutor que se aproveitou de sua pureza, essa jovem pagou, por meio do martírio, pelo crime cometido. A tristeza passou a ser a sua companheira, viu sua mãe morrer de desgosto e não sobreviveu para ver sua amada filha crescer.

Em “Historieta de todos os dias”, as leitoras tinham a experiência de uma jovem que sofreu as conseqüências de uma paixão impensada. O que não ocorreu com a história da viúva moça. Graças às reflexões que tece antes de se entregar ao sedutor Emílio, o ato do adultério não se concretiza. A doença e, finalmente, a morte prematura de seu marido contribui ainda mais para que ela se mantenha distante de seu sedutor, até que ele foge, após perceber que não havia mais impedimento para oficializar o relacionamento. À jovem viúva apenas um bilhete por meio do qual explica o seu temperamento oposto ao matrimônio.

O que acreditamos é que as críticas feitas na época contra essa narrativa questionaram as idéias da protagonista e não o enredo em si, uma vez que a traição não foi concretizada. Em suas cartas, como já ressaltamos, a protagonista apresenta-se como uma senhora instruída, com acesso à leitura e com um espírito crítico em relação aos acontecimentos.

A opinião dela sobressaia-se a do marido, e antes de se entregar aos sentimentos que assume em relação ao sedutor Emílio, traça reflexões sobre a conduta do jovem: “Seria o amor que movera a mão d`aquelle incógnito? Seria simplesmente aquillo um meio de seductor calculado?”. Em suas reflexões não faltaram nem mesmo a descrição da relação que sustentava o seu casamento:

Se meu marido tivesse em mim uma mulher, e se eu tivesse n`elle um marido, minha salvação era certa. Mas não era assim. Entramos no nosso lar nupcial como dous viajantes estranhos em uma hospedaria, e aos quaes a calamidade do tempo e a hora avançada da noite onbrigão a aceitar pousada sob o tecto do mesmo aposento.

Meu casamento foi resultado de um calculo e de uma conveniência. Não inculpo meus pais. Elles cuidavão fazer-me feliz (*Jornal das Famílias*, 1865).

Esse talvez seja um dos fragmento mais intrigante da narrativa. O autor, além de dar voz à mulher, a faz refletir sobre o que os moralistas do século XIX mais prezavam: a conduta da mulher no matrimônio. Eugênia culpa o seu casamento pelos sentimentos que passa a sentir por seu sedutor. Outras narrativas oitocentistas levantaram a questão do casamento por conveniência, concretizados a partir dos interesses paternos, mas, geralmente, a questão é colocada de forma superficial. Eugênia coloca o debate a partir da comparação de seu relacionamento com a condição de dois viajantes que não se conhecem, mas que tem a necessidade de dividir o mesmo teto de uma hospedaria. Seu marido era, portanto, um estranho com quem ela dividia um lar e o tempo de convivência não tinha proporcionado a ela a ela o sentimento de alegria que muitas senhoras esperam encontrar no casamento.

Em “Historieta de todos os dias” as personagens não recebem nomes, é uma mãe, uma filha, uma neta, um sedutor, um espectador/narrador, o pai

adotivo, que ouve e julga. A jovem poderia ser qualquer leitora que se deixasse levar por paixões passageiras e que não tenha compreendido a importância dos valores transmitidos por seus pais. Em contrapartida, em “Confissões de uma viúva moça” apenas o marido de Eugênia não recebe nome, como se fosse uma personagem sem importância. Como a própria Eugênia afirma, ele é apenas resultado de “um calculo e de uma conveniência”, e “a idea salvadora nos desvios do meu espírito”.

A morte tira da mãe e da jovem seduzida e de “Historieta de todos os dias” o sofrimento e a vergonha da desonra familiar. Após o martírio, a morte é uma espécie de prêmio aos infortunados, tendência tão marcante do segundo período do Romantismo Brasileiro. No enredo da viúva moça, a morte do marido a salva do sedutor. Em nenhum momento ela lamenta a sua perda, apenas reflete sobre os sentimentos que por pouco não destruíram a sua reputação. É para esquecer o sedutor que ela se recolhe a Petrópolis, não para se consolar da morte do marido.

Todos os elementos apontados, a reflexão sobre o casamento arranjado, os sentimentos em relação ao marido, a morte dele e a liberdade da jovem viúva fizeram com que essa narrativa merecesse a atenção dos moralistas da época. Com a anônima seduzida eles não precisavam se preocupar, uma vez que a própria narrativa trata de dar a ela um tratamento condizente com o desvio moral cometido pela jovem. Nesse texto, citamos por diversas vezes a questão da conduta moral. Por isso, antes de entrar no fim do debate, gostaríamos de salientar que a questão, principalmente a que dizia respeito ao sexo feminino, era debate de manuais importados da França e de Portugal e readaptados para servirem de modelos à elite oitocentista da sociedade brasileira.

Inspirados por esses manuais, a narrativa oitocentista curvou-se a um discurso moralista. Literatura obedeceu aos manuais de retórica e serviram de recursos pedagógicos para ensinar a conduta esperada às moças de classes abastadas. O autor de Dom Casmurro e Brás Cubas também acompanhou essa tendência e, sem o tom irônico que marcará sua produção, deixa no *Jornal das Famílias* narrativas que dialogavam com leitoras inexperientes, senhoras e senhoritas que deveriam ser constantemente alertadas sobre o risco de não

cumprir a sua missão de mãe, filha e esposa. “Confissões de uma viúva moça” preocupou a crítica da época, nenhum defeito estético foi apontado, mas o perigo do desvio moral por parte das leitoras alertou os moralistas da época. Um olhar mais atento, todavia, permite perceber que a primeira fase da produção machadiana dialoga com a expectativa dos manuais de conduta da época, punindo as personagens que infringem as normas de conduta esperadas pela época e premiando as que agem conforme os padrões estipulados.

## **BIBLIOGRAFIA**

Narrativas analisadas:

Uma historieta de todos os dias (por F.). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 2, agosto de 1864, p. 217-222.

Confissões de uma viúva moça (por J. – pseud. de Machado de Assis). *Jornal das Famílias*: Paris: Editora B. L. Garnier. Tomo 3, abril de 1865, p. 97-103; maio de 1865, p. 129-137; junho de 1865, p. 161-168.

Referências:

ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2003.

AUGUSTI, Valéria. [Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista](#). Campinas, SP, 2006. Tese (Doutorado). IEL-UNICAMP.

AZEVEDO, Sílvia Maria. *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros*. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado). Usp.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil - sua história*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.

PINHEIRO, Alexandra Santos. *Para além da amenidade: o Jornal das Famílias (1863-1878) e sua rede de produção*. -- Campinas, SP, 2007. TESE (Doutorado).

ASSIS, Machado. *Críticas & Variedades*. Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre: W.M.Jackoson Editores, 1944.

\_\_\_\_\_. *Crônicas* (1864-1867). 2. Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre: W.M.Jackoson Editores, 1938.

GAMA, Lopes. O Vadiismo. O *Carapuceiro*, 17/06/1837. In: *O Carapuceiro: Crônicas de costumes*. Org. Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

Bibliographia - *Vicentina*, romance do sr. dr. J. M. de Macedo. In: *O Guanabara*, tomo III, 1855, p. 17-20.

MACHADO, Ubiratan. *A Vida Literária no Brasil Durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

Professora adjunta da Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD-curso de Letras.

Por esse valor, as pessoas podiam comprar quase três panos finos, conforme anúncio da época: “Pannos finos pretos e de cores pelo baratissimo preço de 4\$500, 4\$000, 3\$600 e 3\$300: a quaresma está a porta e quem quizer aproveitar a pechincha dirija-se à rua Quaresma, loja 31” (fonte *O commercial*, 15 de janeiro de 1850).

Todos os contratos que serão citados neste trabalho foram cedidos pelo senhor Pedro Paulo Moreira, editor proprietário da Villa Rica editoras reunidas.

Manteremos a ortografia e a sintaxe originais.

Ver: AUGUSTI, Valéria. *Trajetórias de consagração: discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista*. Campinas, SP, 2006. Tese (Doutorado). IEL-UNICAMP.

Durante os 16 anos de existência do jornal são publicadas duzentas e vinte e três narrativas, das quais, um pouco mais de cem são de autoria de Machado de Assis.

A narrativa faz parte do livro *Contos Fluminenses*, publicado pela casa Garnier em 1865, mas trabalhamos com a versão impressa no periódico *Jornal das Famílias*.